

## Os (des)caminhos de um pesquisador do futebol brasileiro

### *The paths of a brazilian football researcher*

**Rafael Moreno Castellani**

Universidade Estadual de Campinas (Brasil)

rafael.moreno@uol.com.br

#### **Resumo**

As pesquisas no futebol profissional sob o viés das ciências humanas/sociais, apesar de terem aumentado, deparam-se com restrições impostas pelos clubes, dificultando sua realização. Recorte da minha dissertação de mestrado este artigo tem por objetivo retratar a relação entre o pesquisador e clube de futebol, sobretudo a partir do desenvolvimento do vínculo e desempenho de papéis, e apontar limitações/ obstáculos enfrentados pelo pesquisador durante a pesquisa. Seguindo as orientações de uma pesquisa qualitativa com referencial teórico da psicologia social (Kurt Lewin e Pichon-Rivière), esta pesquisa partiu da análise de um grupo de futebol profissional (atletas, comissão técnica e dirigentes do clube analisado) a partir dos 45 dias de contato diário com o grupo em jogos, treinos, concentração e refeições. As dificuldades encontradas para analisar os processos grupais dessa equipe foram muitas, com destaque para dificuldade/impossibilidade de acesso às situações/ locais sugeridos metodologicamente, as negativas de entrevistas e rejeição da aplicabilidade do teste de livre escolha. O vínculo criado e os papéis assumidos prejudicaram ainda mais as análises. Portanto, por conta das características do futebol contemporâneo, principalmente os interesses financeiros e políticos, as dificuldades provavelmente irão surgir variando, entretanto, conforme as características da instituição e o vínculo criado com ela.

#### **Palavras chave**

pesquisa - futebol profissional - grupo - vínculo - psicologia social.

#### **Abstract**

The research in professional football within the human and social sciences, despite increased, still faced limitations and restrictions imposed by the



clubs, hindering its realization. As part of my master's thesis, this article aims to portray the effects of leadership on the functioning of the group and to detect the importance and necessity of cohesion in a professional team of footballers. Furthermore, the relationship between the researcher and the football club was analyzed and described, as well as the limitations and obstacles encountered during field research. Following the guidelines of qualitative research and having social psychology as a theoretical background (Kurt Lewin and Pichon-Rivière), this research resulted from the analysis of a professional football club (players, staff and executives of a club with national and international importance) during 5 days of daily contact with the group in games, practice, concentration and meals. The difficulties in analyzing the group's leadership and cohesion were vast, among which stand out the difficulty or impossibility of access to the places / situations suggested as methodology, their refusals to interviews and rejection of the administration of a free choice test. The bond created and the roles taken harmed attempts for further analysis. Therefore, due to the characteristics of contemporary football, especially the financial and political interests the difficulties likely to arise range according to the characteristics of the institution.

### **Keywords**

research - professional football - group - bond - social psychology

### **Introdução**

Os estudos relacionados ao futebol realizados pelas ciências humanas e sociais, no âmbito da área acadêmica Educação Física, apesar de terem aumentado nos últimos anos, ainda são escassos, principalmente quando comparados aos estudos realizados na área pelas ciências biológicas. Quando o foco passa a ser o futebol profissional, uma série de fatores contribui para agravar ainda mais esse quadro, mas certamente um deles passa pela dificuldade e limitações impostas pelos clubes aos pesquisadores que se propõem a estudar o futebol sob o viés das ciências humanas e sociais.

O futebol profissional possui características específicas que o distinguem das demais modalidades esportivas e o fazem um campo de estudo complexo, de difícil acesso, com diversos aspectos que dificultam a relação entre o pesquisador e o campo. A mercadorização do futebol, entendida por Escher e Reis (2008) como “um processo de transformação em objeto essencialmente de comércio”, atrelada à sua globalização, foram responsáveis pela ampliação das transmissões televisivas e marketing esportivo, assim como pela crescente privatização da sua prática, consumo e organização. Tais fatores, assim como alguns outros ainda a serem explicitados neste artigo, possuem papel determinante na configuração desta realidade.

A caracterização do futebol profissional em uma atividade extremamente lucrativa, mercantilizada e politizada que fazem dele um grande negócio, além

de ser primordial no tocante à repercursão, apelo social, e interesses despertados traz, por outro lado, particularidades que o distancia, por vezes, dos objetivos de uma pesquisa acadêmica. Retratar a relação entre o pesquisador (com foco voltado à compreensão dos processos grupais) e o clube de futebol - sobretudo a partir do desenvolvimento do vínculo e desempenho de papéis - e apontar as limitações e os obstáculos enfrentados pelo pesquisador no decorrer da pesquisa de campo são os objetivos deste estudo<sup>1</sup>. Para tal finalidade, me apoiei no referencial teórico da psicologia social, mais especificamente em Kurt Lewin e Pichon-Rivière, extraindo de tais autores o suporte metodológico necessário e pertinente ao estudo dos processos grupais de uma equipe profissional de futebol. No entanto, como se verá nas páginas que seguem, foram tomadas para este artigo somente as análises referentes aos caminhos e descaminhos durante a pesquisa de um grupo de futebol específico.

Neste aspecto foram de fundamental importância as considerações de Kurt Lewin e Pichon-Rivière. Lewin (1965; 1973), sobretudo pelos seus estudos referentes aos diversos grupos sociais e à sua *teoria de campo social* e Pichon-Rivière (1982; 2000) principalmente pela sua *teoria do vínculo* e análise dos papéis. Apesar de reconhecer que Pichon-Rivière avança nas considerações de Lewin (relevando o momento histórico de seus estudos), ambos concordam quanto à constatação de que somente a pesquisa realizada no campo pode oferecer condições válidas de experimentação de fenômenos sociais, ou seja, o seu objeto de estudo somente pode ser compreendido a partir da investigação da realidade da qual está imerso.

### **O caminho percorrido**

Este trabalho, seguindo as orientações de uma pesquisa qualitativa e analítica, partiu da avaliação sistemática de um grupo de futebol com um recorte temporal específico. Foi efetuada a abordagem à equipe e aos atletas, possibilitando o desenvolvimento da pesquisa de campo com base em referenciais teóricos da psicologia social possibilitadores de leituras profundas e rigorosas da realidade, com as quais se tornaram possíveis a leitura e análise da relação obtida entre o pesquisador e o clube e também o esclarecimento das dificuldades e facilidades encontradas pelo pesquisador.

Com a pretensão de atingir os objetivos propostos, foi selecionada uma equipe de expressão de futebol profissional do estado de São Paulo. Entendo como equipe de expressão aquela cuja história é marcada por conquistas, que possua boa representatividade junto à sociedade e que apresente uma estrutura física e administrativa de qualidade. Ainda assim, na necessidade de buscar dados mais

---

<sup>1</sup> Este estudo é consequência da minha dissertação de mestrado defendida junto à Faculdade de Educação Física da Universidade Estadual de Campinas com o título: Em jogo as relações entre pesquisador e clube: Futebol e processos grupais.

palpáveis acerca dos clubes brasileiros, foram analisadas informações quantitativas que servissem como critério para escolha da instituição/clube/grupo a ser investigada. Dessa forma, foram buscadas em rankings divulgados em pesquisas recentes informações que possibilitasse optar por uma instituição de expressão no cenário brasileiro. Dentre as informações selecionadas nesses *rankings*<sup>2</sup> estão as receitas brutas dos clubes e os resultados (partidas e campeonatos) obtidos por eles. Outro critério de escolha adotado passava pela conveniência em seu estudo, ou seja, preferencialmente o clube deveria localizar-se num local favorável ao pesquisador (portanto, no estado de São Paulo); quanto mais informações e conhecimentos tivesse sobre ele, mais facilidade teria no seu estudo e, por fim, a existência de contato com alguém de dentro do clube traria maiores condições para a realização da pesquisa. Participaram da pesquisa atletas profissionais de futebol que estavam em atividade neste clube, membros da comissão técnica e dirigentes desta equipe. A pesquisa de campo deu-se ao longo de 45 dias (com exceção dos dias em que os atletas estavam em partidas no campo do adversário fora da cidade de São Paulo). A proposta inicial era permanecer por no mínimo três semanas em contato diário com o clube pela necessidade e importância de “viver” e fazer parte do cotidiano de um grupo de jogadores profissionais de futebol interagindo com eles o maior tempo possível. Era necessário, então, vivenciar situações de jogo, treino, concentração, preleções e refeições dos atletas, permitindo uma melhor e mais aprofundada leitura da realidade da qual eles fazem parte. Ainda assim, verificou-se a necessidade de uma aproximação maior, obtida por entrevistas com os funcionários do departamento de futebol (um diretor de futebol e um superintendente), alguns membros da comissão técnica (treinador, auxiliar técnico e preparador físico), e dois jogadores (dos quais somente um trouxe contribuições relevantes para este estudo), com a finalidade de aprofundar e esclarecer os problemas e situações observadas. Entretanto, como esclarecido nas linhas que seguem, uma série de dificuldades prolongou a pesquisa de campo e limitou a presença em determinados ambientes e situações.

A observação participante, assim como propõe Fonseca (1999), esteve presente em vários momentos da pesquisa de campo a fim de captar a dimensão social das emoções dos sujeitos pertencentes ao grupo. Segundo André (1995), “a observação é chamada de participante porque parte do princípio de que o pesquisador tem sempre um grau de interação com a situação estudada, afetando-a e sendo por ela afetado”. Pichon-Rivière (2000) vai além ao afirmar que “todo observador é sempre participante e modificador do campo de observação”, criando uma situação de interação, uma unidade de relação dialética entre o sujeito e o ob-

---

<sup>2</sup> A exposição e análise de tais *rankings* estão no capítulo 6 da dissertação de mestrado de minha autoria, cujo título é “Em jogo a relação entre o pesquisador e clube: Futebol e processos grupais”, defendida junto à Faculdade de Educação Física da Unicamp.

jeto. Essa característica da observação participante foi notoriamente comprovada, visto que em diversos momentos a presença ou proximidade do pesquisador foi impedida e em outros, a convivência deu-se de modo mais próximo e informal.

### **A relação entre o pesquisador e o clube: limitações e obstáculos enfrentados.**

A relação no papel de pesquisador com o clube se iniciou ainda num primeiro contato realizado por meio de correspondência eletrônica. No entanto, por mais que esse tenha sido o marco inicial da relação, ele ocorreu entre uma professora colaboradora do estudo e um dos diretores do clube, estando o pesquisador ainda longe do diálogo. Teve como finalidade pedir permissão para que o aluno/pesquisador tivesse acesso ao clube, permitindo a realização do estudo. Após o envio de algumas informações a respeito dos objetivos e necessidades do aluno/pesquisador, a resposta do dirigente foi positiva, ficando pendente somente um acordo sobre a data a ser iniciada a pesquisa. No entanto, vale ressaltar que do primeiro contato à autorização da realização da pesquisa, vários meses se passaram. A partir deste momento, por indicação do gerente de futebol, os contatos passaram a ser realizados diretamente com o assessor de imprensa do clube.

O assessor de imprensa do clube passou a partir de então a exercer um papel fundamental no relacionamento com o clube. No dia da primeira visita ao clube, após uma longa espera no portão do Centro de Treinamento (CT), fui muito bem recebido pelo assessor de imprensa. Conversamos sobre os objetivos e necessidades da pesquisa, acertamos uma data para minha volta ao CT sendo atribuído a mim o papel de membro de imprensa... Isso mesmo, membro de imprensa. Ou seja, por alguns dias, teria o reconhecimento e acesso aos mesmos espaços e tempo permitidos às equipes de imprensa.

Aqui cabe a primeira reflexão. Por que será que a pessoa/funcionário responsável por me receber foi o assessor de imprensa e não um dirigente ou algum membro da comissão técnica? Por que o papel abjudicado foi o de assessor de imprensa e não o de pesquisador? Qual seria o problema de ser apresentado como pesquisador e não como membro da imprensa? Por que esconder do grupo de atletas e comissão, por um tempo, o real motivo da minha presença naquele ambiente (o CT)?

Uma hipótese para responder a tais perguntas passa pela preocupação do clube em saber os reais interesses da pesquisa, pelo desconhecimento do perfil e caráter do pesquisador, e pelo desejo de preservar o grupo de jogadores e comissão técnica de uma nova situação, a qual o próprio dirigente e o assessor de imprensa não tinham ciência de como se processaria. E dessa forma, pela necessidade de ter alguém que pudesse estar o mais próximo e num maior tempo possível me acompanhando (ou vigiando), atento a todos os meus movimentos, construíram essas condições para desenvolvimento da pesquisa e encontraram

na figura do assessor de imprensa a pessoa mais qualificada para esta tarefa de me receber, acompanhar e dar suporte aos interesses da pesquisa. Ainda assim, mais próximos a ele, na condição fictícia de membro da imprensa, poderia ter acesso somente a espaços limitados e devidamente supervisionados por ele. Estava claro que este foi o funcionário encarregado para ser o responsável por nos encaminhar aos espaços e ambientes necessários e dar apoio à realização da pesquisa, ou seja, a iniciativa de conversar com algum atleta, membro da comissão técnica ou de entrar em um determinado ambiente deveria ser por ele consentida.

A partir do momento em que aceitei (por não ver naquele momento outra opção) o papel de membro da imprensa, estabeleci com o clube o que Pichon-Rivière (2000) define como vínculo e o entende como a “maneira particular pela qual cada indivíduo se relaciona com outro ou outros, criando uma estrutura particular a cada caso e cada momento”.

A entrada no CT e aproximação ao campo e grupo de jogadores e comissão técnica só eram permitidas juntamente com os profissionais da imprensa. Apenas no quarto dia de visita pude, pela primeira vez, entrar no CT antes dos profissionais da imprensa. No entanto, momentos mais tarde, já com o treino iniciado, foi solicitado por um dos seguranças (provavelmente com a orientação da comissão técnica) que me afastasse do campo de visão do grupo. No dia seguinte fui muito bem atendido (embora após longa espera) pelo médico e superintendente técnico do clube, o qual me concedeu entrevista para tratar de pontos específicos da pesquisa. Começava nesse momento a esclarecer aos demais funcionários do grupo meu verdadeiro interesse (visto que até esse momento somente o diretor de futebol e o assessor de imprensa sabiam do motivo da minha presença).

Essa rotina se repetiu por vários dias e aos poucos a entrada no CT e aproximação junto ao grupo eram cada vez mais fáceis de serem realizadas. Os seguranças passaram a me reconhecer e facilitar a circulação pelo CT e os atletas e membros da comissão técnica a se acostumar com a minha presença. Isso foi devesas importante, pois, além de suscitar uma possível mudança no papel me designado, possibilitou presenciar os grupos e subgrupos que se formavam, as afinidades existentes entre eles, o ambiente/clima em situação anterior ao treino e principalmente realizar uma aproximação (cumprimentando e sendo cumprimentado por todos) junto aos atletas e comissão técnica.

Após alguns dias de contato com o grupo no centro de treinamento, foi obtida a primeira oportunidade de estar com o grupo em situações de jogo. Entretanto, tanto a entrada no Estádio, quanto a entrada no vestiário aconteciam de maneira muito dificultosa. A pretensão inicial de ter acesso ao vestiário antes e depois do jogo foi negada na maioria das vezes. Poderíamos levantar hipoteticamente algumas causas para esta impossibilidade, indo da não autorização da

comissão técnica, da negativa do grupo de jogadores ou até pela opção do assessor de imprensa de nem mesmo verificar a possibilidade de tal observação se concretizar. A restrição quanto a entrada no vestiário com vistas a que pudesse vê-los chegar do campo de jogo analisando o comportamento do grupo, seus vínculos, a maneira de se relacionarem em situação de pós-jogo, foi outro sinal percebido da dificuldade que teria em observar e me aproximar do grupo. Mais do que isso, minha presença dentro do vestiário suscitou certa estranheza por parte dos jogadores e comissão técnica. Acredito que se sentiram incomodados com uma presença não habitual naquele ambiente, como se tivessem tido sua privacidade invadida e, não por coincidência, não mais foi permitido o acesso a este espaço. Começou a tomar forma então a compreensão de que a figura do pesquisador é estranha a este ambiente e que tal comportamento verificado ratifica o quão fechado é o grupo e o quanto eles procuraram se proteger de agentes externos. Essa limitação foi um primeiro indicativo da impossibilidade de ter acesso a todos os aspectos referentes ao processo grupais de uma equipe profissional de futebol, principalmente aqueles que mais se relacionam com as intimidades pessoais e do grupo. Por outro lado, começaram a me perceber não mais como membro da imprensa, mas também não ainda como pesquisador, e sim, provavelmente, como estagiário do clube.

No momento em que havia realizado aproximadamente metade das visitas ao clube, ainda era proibida a entrada em alguns ambientes do centro de treinamento, assim como a maior aproximação ao grupo de jogadores e comissão técnica. No entanto, no dia a dia, era muito bem tratado pelos funcionários, membros da comissão técnica e grupo de jogadores. Aos poucos o papel de membro da imprensa adjudicado ia se modificando para o de aluno/pesquisador. Inicialmente consegui entrevistar todos que julgava haver necessidade e fui muito bem recebido (salvo o longo tempo de espera em quase todas elas) por todos entrevistados. Por sinal, o elevado tempo de espera para ter acesso a determinados ambientes e observar como o grupo se comportava prejudicou demasiadamente a coleta de informações e as futuras análises. O tempo de espera para entrar no refeitório foi tão grande que quando autorizado a entrar, a maioria dos atletas já tinha terminado a sua refeição. Situação semelhante acontecia ao entrar nos vestiários.

Nesta fase da pesquisa foi realizada uma nova conversa com o assessor de imprensa para programar a continuidade do estudo. Conversamos sobre a ida ao próximo jogo e necessidade de estarmos mais presentes e mais próximos do grupo nos vestiários, e também sobre a viabilidade de aplicação do teste de livre escolha. Ambas as necessidades metodológicas não puderam se concretizar visto que tanto a presença nos vestiários no próximo jogo, quanto a aplicação do teste não foram autorizadas. Segundo o assessor de imprensa, lhe foi dito (não

explicitando por quem) que poderia ir ao jogo, mas sem a permissão de entrarmos no vestiário com a justificativa de que já teriam feito muito por mim e já tinha informações suficientes. Em relação à aplicação do teste, na opinião do assessor, esta tarefa seria muito difícil de ser realizada, visto que os atletas não possuíam o hábito de se comprometerem com este tipo de atividade. De fato, após entrevista com o preparador físico da equipe, este não viu viabilidade para sua execução por diversos motivos dentre os quais estão a dificuldade dos atletas em lidar com esse tipo de instrumento, a não abertura de suas intimidades, o receio de se exporem e o comprometimento ético (ao ter que citar colegas). Segundo ele, se fizesse parte da equipe, fosse contratado pelo clube e estivesse no grupo há um bom tempo, a viabilidade de aplicação desse teste seria maior.

Tanto a negativa da presença nos vestiários, mas principalmente as justificativas utilizadas por eles, carecem ser analisadas. Notoriamente, como explicitado anteriormente, minha presença no vestiário foi percebida pelos jogadores e comissão técnica com certo incômodo e muito provavelmente tenha partido deles (mais provavelmente da comissão técnica) a opção por não mais permitir entrar naquele ambiente. Mais do que isso, pelo discurso adotado, fica clara a relação que detinham com o estudo e com o pesquisador, ou seja, uma relação muito mais de prestação de favor do que de interesse no estudo e nos resultados que ele poderia trazer.

Um dos fatores determinantes para a ampliação do período de pesquisa de campo foi a ausência de um dos atletas mais importantes no tocante aos processos grupais. Dessa forma, em concordância com o assessor de imprensa, esperei a sua volta a fim de realizar as observações que vinha fazendo, agora com a sua presença. No entanto, a tão esperada entrevista com esse atleta não pode ser realizada. Ele é um dos poucos que possui uma assessoria de imprensa própria e, conforme nos afirmou o assessor do clube, é o jogador mais requisitado pela mídia, por patrocinadores, publicitários e pelos visitantes. Não ficou claro se a negativa de entrevista com ele partiu, portanto, do próprio atleta, da sua assessoria de imprensa ou do assessor do clube, que, ciente da dificuldade/trabalho que teria para autorizar a entrevista, principalmente pela limitada interferência que possuía na conduta dos atletas (e neste atleta especificamente), não fez sequer um contato para verificar essa possibilidade.

Deste modo, todas as informações e acessos aos ambientes e situações obtidas pareceram estar sob total controle do clube e esta negativa evidenciou que era intenção deles que permanecesse desta forma. Entendo que tal iniciativa tenha partido com a nítida finalidade de preservar o grupo de qualquer fator que pudesse perturbá-lo (e claro, prejudicar seu rendimento) assim como colocar em risco os interesses do clube. Apesar de caminhar na contramão da pesquisa, essa postura do clube é compreensível, principalmente se refletirmos sobre as



características do futebol contemporâneo.

Finalizada a pesquisa de campo permaneceu o entendimento de que a abertura dada para a realização da pesquisa, assim como as observações realizadas, o convívio diário em alguns ambientes do grupo e as entrevistas, apesar de terem sido bastante importantes para este estudo, foram insuficientes para compreender em sua totalidade os processos grupais de uma equipe de futebol profissional.

### **Considerações finais**

Apesar de estar com o grupo de atletas e comissão técnica em vários dos ambientes e situações em que os processos grupais se manifestam, minha presença e circulação pelos espaços do clube foi impedida e/ou dificultada por diversas vezes. Pude sim observá-los nos treinamentos de campo, no REFFIS (Centro de Reabilitação Esportiva Fisioterápica e Fisiológica) e na piscina de hidroginástica. No entanto, em vários momentos fui orientado a me afastar do campo de visão do grupo, principalmente quando o treinador realizava reuniões com os atletas. Da mesma forma também pude estar com o grupo em situações de jogo e vestiário. Porém, nunca no intervalo do jogo, quando chegavam ao estádio e se preparavam para o início da partida ou no momento em que retornavam do campo depois de finalizado o jogo. Dentro da concentração, a circulação era extremamente limitada. As situações de refeições somente puderam ser observadas na companhia do assessor de imprensa e sem a presença de todos os jogadores. Essas resistências não aconteceram por acaso, nem por interesse de uma única pessoa. Nitidamente se trata de uma particularidade institucional. Ou seja, por atender aos interesses da instituição, momentos e situações foram propositalmente preservados fora do alcance do pesquisador justamente para delimitar a barreira entre o que pode e o que não pode ser observado, principalmente a fim de preservar o grupo de qualquer agente externo que possa colocar em risco o rendimento da equipe e o conseqüente interesse do clube (vitórias, títulos e o retorno que isso trará à instituição).

Uma equipe dotada de uma história repleta de conquistas, com grande representatividade no cenário nacional e internacional, capaz de movimentar uma elevada quantia de dinheiro e cerceada por interesses políticos, mercadológicos e financeiros, dificilmente irá expor-se a ponto de colocar em risco qualquer um destes aspectos e comprometê-los minimamente que seja. Entretanto, não queremos com isso dizer que as equipes de menor expressão apresentem maiores facilidades ao pesquisador, principalmente quando se tratar de conhecer, compreender e esclarecer as intimidades de um grupo e os seus processos grupais. Mesmo assim é possível concluir que todos os momentos e situações que pretendi vivenciar, tais quais os espaços e situações de treinamento, ambiente de jogo, concentração, refeições, entre outros, devem ser observados e analisados quando

se perspectivar compreender os processos grupais em uma equipe profissional de futebol. Durante nossa convivência, os papéis adjudicados e assumidos foram sofrendo variações, mas não ao ponto de se configurar como vínculo ideal para o efetivo estudo dos processos grupais de uma equipe. Entendo, em concordância com um dos membros entrevistados da comissão técnica do clube, que somente o estabelecimento de outro vínculo – que não de pesquisador acadêmico, muito menos o de estudante ou membro da imprensa – possibilitaria a aproximação ao grupo de tal forma que atletas e comissão técnica tivessem a devida confiança para se exporem e permitirem que todos os objetivos propostos fossem alcançados e toda metodologia contemplada. Ou seja, somente na condição de profissional do clube ou membro do grupo seria possível presenciar todas as situações de treino, jogo, preleção, concentração, enfim, estar com os atletas e comissão técnica nos ambientes em que se manifestam todos os processos grupais para analisá-los e compreendê-los de modo eficaz.

No entanto, na configuração deste vínculo proposto, o sentido e significado da pesquisa acadêmica seriam desvirtuados, inviabilizando deste modo a sua realização, já que estaria no clube não mais no papel de pesquisador vinculado a uma Instituição de Ensino Superior, mas como seu funcionário. Uma saída encontrada para a sua realização seria então, na condição de pesquisador, assumir um vínculo distinto do assumido neste estudo associando os interesses da pesquisa aos do clube e não mais à ciência e ao contexto acadêmico. Dessa forma, teria que ser requisitado e contratado pelo clube, e após passar por todos os momentos de introdução e aceitação no grupo, tais quais os de filiação, pertença, pertinência, comunicação, aprendizagem, tele e cooperação (PICHON-RIVIÈRE, 1982), sentirnos parte dele e ter, enfim, melhores condições para atingir plenamente os objetivos traçados neste estudo e cumprir com as exigências metodológicas propostas. Os resultados obtidos, sob esta configuração vincular, seriam predominantemente, se não exclusivamente, de conhecimento do clube e não mais passível de se tornar público, como se propõe uma pesquisa acadêmica.

Esta posição enunciada, mais próxima da realidade de possibilidade de pesquisa no futebol profissional, é aquela que aproxima e faz coincidir os interesses do pesquisador e clube. Isso, mesmo ciente de que desvirtuaria o significado de uma pesquisa acadêmica no sentido de não poder divulgar publicamente seus resultados e conclusões, somente será possível na medida em que o pesquisador sentir-se parte do grupo e estiver a serviço dele, ou seja, deve ser requisitado e contratado pelo clube, ter a devida confiança do grupo e estar respaldado pela instituição para isto. Portanto, um pesquisador, na configuração vincular distinta da explicitada, dificilmente conseguirá obter total acesso às observações, informações e situações necessárias para o cumprimento de seus objetivos, sobretudo quando for de sua intenção compreender os processos grupais no âmbito do

futebol profissional, e dessa forma, ter conhecimento de fatores que se referem às intimidades do clube, do grupo e dos atletas.

Reconheço, portanto, que, independentemente do clube analisado, as dificuldades para o estudo dos processos grupais em equipes profissionais de futebol provavelmente irão surgir e as limitações para a sua análise estarão presentes, variando, no entanto, conforme a grandeza e representatividade do clube, mas principalmente de acordo com o vínculo estabelecido entre o pesquisador e o clube/equipe.

## Referencias

- André, Marli Eliza (1995): *Etnografia da prática escolar*. Campinas, SP: 10ª edição. Papirus.
- Castellani, Rafael. M. (2010): *Em jogo a relação entre o clube e pesquisador: Futebol e processos grupais*. Dissertação de mestrado defendida junto à Faculdade de Educação Física da Universidade Estadual de Campinas. Campinas.
- Escher, T.; Reis, H (2008): *As relações entre futebol globalizado e nacionalismo: O exemplo da Copa do Mundo de 2006*. Revista Brasileira de Ciências do Esporte, Campinas, v. 30, n.1, p.41-55, set.
- Fonseca, Claudia (1999): *Quando cada caso não é um caso: Pesquisa etnográfica em educação*. Revista Brasileira de Educação. Número 10: jan/fev/mar/abr.
- Lovisoló, H (2001): *Saudoso futebol, futebol querido: A ideologia da denúncia*. In: Helal, R; Soares, A.; Lovisoló, H. A invenção do país do futebol: mídia, raça e idolatria. Rio de Janeiro: Mauad.
- Mailhiot, G. B. (1970): *Dinâmica e gênese dos grupos: atualidades das descobertas de Kurt Lewin*. São Paulo: Duas Cidades, 1970.
- Pichon-Rivière, E. (1982): *O processo grupal*. São Paulo: Martins Fontes.
- \_\_\_\_\_. (2000): *Teoria do vínculo*. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes.
- Pichon-Rivière, E; Quiroga, A. P. (1998): *Psicologia da vida cotidiana*. São Paulo: Martins Fontes.
- Rebelo, A.; Torres, S. (2001): *CBF-Nike*. São Paulo: Casa Amarela.
- Reis, H. (2003): *Futebol e sociedade: uma análise histórica*. Revista Histedbr, n.10, jun.
- Reis, H.; Escher, T (2006): *Futebol e sociedade*. Brasília: Liber Livros.
- Rubio, K. (2003): *Estrutura e dinâmica dos grupos esportivos*. In: \_\_\_\_\_. (Org.) Psicologia do esporte: teoria e prática. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- \_\_\_\_\_. (2003b): *Psicologia do esporte aplicada*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Smit, B. (2007): *Invasão de campo: Adidas, Puma e os bastidores do esporte moderno*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.